

O DISCURSO DE ÓDIO NO TWITTER E O EMPOBRECIMENTO DO DEBATE POLÍTICO

Alan da Silva Neves¹
Alexsandrina Ramos de Carvalho Souza²

RESUMO

O presente trabalho aborda o tema sobre o discurso de ódio no twitter e o empobrecimento do debate político. A interatividade crescente das redes sociais desencadeou uma polarização que utiliza como estratégias principais a disseminação do ódio e as chamadas “fake news”, culminando no empobrecimento do debate político. As discussões se tornaram superficiais, sem o foco nas necessidades reais do país, predominando em todo o debate uma visível desinformação. Este tipo de engajamento ocorreu em diversas plataformas, porém, o *Twitter*, devido sua forte capacidade interativa em tempo real se tornou a principal plataforma de comunicação de políticos, grupos neonazistas e teóricos da conspiração, concentrando o maior volume de perseguições ideológicas, “bullying” e linchamentos virtuais. Diante disso, apresentamos o seguinte questionamento: dada a relevância da internet, desde o seu surgimento e a evolução das redes sociais, como se manifesta atualmente o debate político no *Twitter*? O procedimento metodológico utilizado foi a revisão bibliográfica. Concluiu-se que o excesso da liberdade de expressão é uma realidade no *Twitter* e o empobrecimento do debate é o grande desafio para a plataforma e o próprio Estado, uma vez que inevitadamente, as novas mídias se tornaram um fator político relevante e o combate ao discurso de ódio e a disseminação de notícias falsas se tornou um interesse do país para a saúde da democracia.

PALAVRAS-CHAVE: Web; redes sociais; liberdade de expressão; pobreza do debate político; discurso de ódio no Twitter.

ABSTRACT

This paper addresses the topic of hate speech on twitter and the impoverishment of political debate. The increasing interactivity of social networks has triggered a polarization that uses hate dissemination and so-called “fake news” as main strategies, culminating in the impoverishment of political debate. The discussions became superficial, without focusing on the real needs of the country, with visible disinformation predominating throughout the debate. This type of engagement took place on several platforms, however, Twitter, due to its strong interactive capacity in real time, became the main communication platform for politicians, neo-Nazi groups and conspiracy theorists, concentrating the largest volume of ideological persecutions, “bullying” and virtual lynching. Therefore, we present the following question: given the relevance of the internet, since its emergence and the evolution of social networks, how is the political debate on Twitter currently manifesting? The methodological procedure used was the literature review. It was concluded that the excess of freedom of expression is a reality on Twitter and the impoverishment of the debate is the great challenge for the platform and the State itself, since inevitably,

¹ Graduado em Direito pela Faculdade de Direito do Vale do Rio Doce (Fadivale).

² 2 Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Unisinos/RS. Mestrado em Direito Público pela Universidade FUMEC-BH. Pós-graduada lato sensu em Direito Penal e Processual Penal. Professora da graduação e pós-graduação da Fadivale. Advogada.

new media have become a relevant political factor and the fight against hate speech and the spread of false news has become a country's interest for the health of democracy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO. 2 O SURGIMENTO DA WEB E AS PRIMEIRAS MUDANÇAS NA COMUNICAÇÃO. 3 AS REDES SOCIAIS E O CRESCIMENTO DO TWITTER. 4 AS CRISES ECONÔMICAS E POLÍTICAS. 4.1 A LIBERDADE DE EXPRESSÃO 5 O EMPOBRECIMENTO DO DEBATE POLÍTICO. 6 O DISCURSO DE ÓDIO NO TWITTER. 7 COMO SE MANIFESTA O DEBATE POLÍTICO ATRAVÉS DO TWITTER. 8 CONCLUSÃO. REFERÊNCIAS.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho contempla o tema, o discurso de ódio nas redes sociais e a pobreza do debate político no Twitter. Será realizada uma abordagem sobre a linha evolutiva desde o surgimento da web, passando pela criação das redes sociais e seu impacto na comunicação em sociedade, alcançando o engajamento promovido nas redes sociais, bem como o surgimento do discurso do ódio e o consequente empobrecimento do debate político no Twitter, uma rede social que se destaca pelo engajamento e interatividade, porém, também concentra o maior volume de ataques racistas, de gênero, religioso, entre outros, além de ser uma das principais fontes da disseminação de notícias falsas.

A pertinência do tema visa traçar uma linha evolutiva do aspecto comunicacional no mundo, mais precisamente no Brasil, correlacionando com a evolução da web, dos surgimentos de novas ferramentas de comunicação advindas das redes sociais, até alcançar o impacto revolucionário das redes sociais no dia a dia da população, mas com foco, também, no aspecto político, dado o seu engajamento sobre os temas relevantes do Brasil, bem como do mundo.

Nesse contexto, a questão problema que orienta a pesquisa é a seguinte, dada a relevância da internet, desde o seu surgimento e a evolução das redes sociais, como se manifesta atualmente o debate político no Twitter?

Dessa forma, o estudo trabalha com hipóteses de que discurso de ódio nas redes sociais e a pobreza do debate político se dão através do crescimento da disseminação de notícias falsas e do próprio discurso odioso, estabelecendo um grande desafio no que se refere aos excessos e os limites da própria liberdade de expressão.

Sendo assim, o objetivo geral do trabalho é analisar os impactos gerados pelo surgimento da web, das redes sociais e o discurso de ódio, bem como o crescimento do Twitter até se tornar a principal ferramenta política dos grupos ideológicos e demais atores políticos, tendo como consequência a pobreza no debate político nas mídias, porém, especificamente no Twitter, pelo maior engajamento.

Como procedimento metodológico, utilizou-se de pesquisa bibliográfica, valendo-se de artigos de meio eletrônico, doutrinas, Constituição Federal e leis ordinárias.

2 O SURGIMENTO DA WEB E AS PRIMEIRAS MUDANÇAS NA COMUNICAÇÃO

A humanidade, em sua trajetória, passou por diversas revoluções que impactaram diretamente o curso da história e redesenharam a forma como as comunidades se relacionavam e, sem dúvida, o pensamento do mundo foi moldado a partir desses grandes fatos históricos que influenciaram o comportamento em sociedade.

É fato que toda revolução surge a partir de alguma insatisfação ou de necessidades naturais, que são reflexos de uma inquietude inerente à condição humana.

Em uma ousada síntese, pode-se atribuir a esta inquietude como o principal vetor de grandes revoluções, como a Revolução Francesa com sua inquietação quanto ao poder absolutista do Rei, a Revolução Industrial com a necessidade de mecanização das fábricas, iniciada na Inglaterra no final do século XVIII, responsável pela urbanização e conseqüentemente atraindo trabalhadores para as cidades, estimulando e mudando o setor de serviços e a Segunda Guerra Mundial, que na idade contemporânea trouxe transformações na economia e relações internacionais.

É bem verdade que os fatos históricos citados tiveram sua contribuição ou responsabilidade para o que a sociedade é, pensa e faz hoje em dia, porém, em nível de influência comportamental e com uma velocidade jamais vista, o surgimento da web, sem dúvida alguma, alinha-se a estes fatos e revoluções históricas com uma ousada predominância, mudando muito rapidamente a vivência em sociedade, os pensamentos das diversas comunidades, independentemente de etnia, raça, cor da pele, costumes ou crença, a Web diminuiu distâncias aproximando eixos, até então, antagônicos em níveis de pensamentos, cultura e fé.

Conforme nos ensina Lima (2000), a internet surgiu no final dos anos cinquenta e início dos anos sessenta como resposta do governo norte americano ao lançamento do Sputnik pela ex-União Soviética, sobre um projeto de pesquisa militar durante o período da guerra fria.

Conectar importantes centros de pesquisas ao Pentágono e permitir a troca de informações de forma acelerada e ao mesmo tempo protegida, foram as necessidades que nortearam a ideia e criação da Internet.

Com o surgimento dos primeiros provedores nos anos oitenta, o aspecto comercial da internet começou a ganhar espaço e a exercer uma influência econômica crescente, uma vez que o usuário doméstico pôde ter acesso a rede mundial diretamente de sua casa.

Esta acessibilidade foi consideravelmente ampliada a partir do surgimento do World Wide Web, o famoso “W W W”, em 1992, que expandiu o acesso à milhares de usuários do mundo que teriam a partir daquele instante, acesso a um volume de informações jamais visto antes, com uma velocidade muito superior aos outros meios de comunicação como jornal, rádio ou TV.

Sem dúvida alguma que o lançamento do primeiro satélite artificial da terra, o Sputnik 1 teve sua importância histórica, porém, se comparado ao impacto histórico e seus reflexos na sociedade, o surgimento da Web se tornou ao longo do tempo mais do que um fato importante, se tornou uma grande revolução, iniciando processos de transformações profundas na sociedade, possibilitando anos depois a criação das redes sociais que impactaram e revolucionaram o mundo.

3 AS REDES SOCIAIS E O CRESCIMENTO DO TWITTER

Dentro do contexto revolucionário iniciado pelo surgimento da rede mundial de computadores, como falado anteriormente, no final dos anos 90 e início dos anos 2000, as redes sociais foram um marco quanto aos serviços de comunicação e entretenimento, conseguindo reunir diferentes comunidades e pensamentos.

Imaginar um mundo sem essa interatividade hoje em dia é quase impossível, porque as redes sociais foram incorporadas à cultura relacional das diversas camadas sociais, conseguindo alcançar usuários em todos os campos da sociedade, mesmo que, com uma intensidade e em tempos diferentes, considerando as dificuldades naturais da discrepância social.

Em primeiro plano, é preciso conceituar que as redes sociais estão inseridas em um grande contexto de mídias sociais, que é o universo de interatividade onde se possibilita o compartilhamento de informações, imagens, arquivos de áudios e vídeos com uma velocidade superior à qualquer outro meio existente.

Até então, os aspectos sociais proporcionados pelas novas mídias sociais, norteavam apenas o cotidiano simples dos usuários. A novidade por si só, já seria o principal atrativo e pauta nos comentários, discussões e conversas entre os participantes.

Neste início, tudo girava em torno da nova experiência de convivência social, não se pautava com grande relevância os temas políticos, sociais e comportamentais da sociedade, era apenas o encantamento de ver uma foto postada recentemente, um comentário simples, sem aquele vocabulário próprio de usuários ativos das mídias sociais.

Porém, tudo foi ficando mais fácil e simples, as plataformas ganharam mais usuários, ampliaram a diversidade, as manifestações ou, os famosos “textões”, cheios de opiniões sobre alguns acontecimentos locais ou, até mesmo temas nacionais, que tinham grande relevância naquele momento.

Até então, seguia-se como pauta os próprios acontecimentos do dia a dia das pessoas, era muito mais um aspecto de participação e observação, do que um gerador de reações e ações coordenadas como agente ativo do debate e formador de opinião.

Mas, a medida em que as plataformas foram criando meios de aumentar o envolvimento dos usuários, ampliando também as formas de manifestações e divulgações de ideias, o peso e a notoriedade foram tornando-se caminhos sem volta, evoluindo cada vez mais os níveis de interação, a medida que novos usuários foram aderindo a então novidade das redes.

Sem dúvida, um grande marco dessa fase foi a criação do Orkut, talvez a primeira rede social a se tornar popular em todas as camadas da sociedade sendo operada a partir de 2008 diretamente no território brasileiro, através da Google Brasil, com milhões de tópicos de discussões através das comunidades temáticas da plataforma.

Além de possibilitar a publicação de álbuns de fotos, o Orkut permitiu o ingresso nas comunidades temáticas, que tinham temas variados, inclusive com aspectos políticos, ideológicos e comportamentais que, de certa forma, permitiam

traçar um perfil do usuário pela lista de comunidade que participava e pelo que postava nos fóruns de discussões.

Ganhou muita relevância não apenas entre seus participantes, mas no contexto social propriamente dito, dando o pontapé para o crescimento de informações e opiniões publicadas.

O orkut só perdeu sua relevância com a chegada do Facebook. Com o início voltado apenas para estudantes de Harvard, inicialmente conhecido como “TheFacebook.com”, a rede social rapidamente adquiriu uma popularidade crescente, com um “Feed” de notícias possibilitando a interação coletiva de seus usuários de forma rápida e objetiva, se tornando o principal nome quando se pensa em uma rede social.

Com as facilidades proporcionadas pelo Facebook, a população digital mudou completamente sua rotina diária, não interagindo apenas com fotos de paisagem, de aniversários ou vídeos engraçados. A plataforma começa a obter certa relevância como uma plataforma um pouco mais politizada, refletindo quase que imediatamente os pensamentos e ideias do que estava acontecendo no país e no mundo.

Acontece aí, uma mudança comportamental na sociedade, uma vez que, agora, não basta falar o que pensa com os amigos da padaria, do serviço, nas reuniões de domingo da família. Agora, as opiniões necessariamente poderiam ser expostas para um grupo muito maior e diversificado, as opiniões tiveram suas fronteiras alargadas, não permanecendo reclusas aos relacionamentos físicos e pessoais do cotidiano.

Os famosos “textões” se tornaram casos de amor e ódio. Alguns, com postagens sem nenhuma síntese, desabafando, emitindo opinião, criticando, elogiando, ou seja, um volume de informações gigantesco, publicado por um crescente número de usuários, aos poucos foram tornando os assuntos prolixos e sem objetividade clara das ideias, que, em casos, só se conseguiria uma compreensão ao final de longos parágrafos da postagem.

Com o objetivo de simplificar as manifestações, inspirado no popular SMS, surge então uma nova rede social focada em pequenos textos com limite inicial de 140 caracteres em cada publicação, bastando, apenas, “seguir” ou ser “seguido”, não sendo necessária a famosa “solicitação de amizade”.

O Twitter revolucionou a forma de manifestação na internet, utilizando um modelo mais objetivo e simplificado para as postagens em sua plataforma.

A expressão “em tempo real” se tornou muito efetiva devida à velocidade de propagação das informações publicadas e, em decorrência dessa facilitação ganhou notoriedade, se tornando a rede social preferida para se criticar algo ou alguém ou algum fato político, incluindo o agente político.

O Marco histórico de grande relevância para o Twitter, sem dúvida alguma, foi a campanha, do então candidato a presidência dos Estados Unidos, Barack Obama em 2008.

Usado para uma cobertura em tempo real da agenda do candidato, a plataforma permitiu que os eleitores acompanhassem a cobertura dos eventos oficiais, inclusive com transmissão ao vivo, os comunicados sobre os principais temas da eleição, criando uma aproximação jamais vista até então entre um candidato e os eleitores em potencial, difundindo uma ideia com uma velocidade incomparável a que a TV, rádio, jornais ou outras ferramentas já proporcionaram em nível de comunicação em massa.

Hoje, é comum a imprensa noticiar uma postagem do Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, assim também acontece no Brasil com o que é postado pelo atual Presidente Jair Bolsonaro, inclusive utilizando a plataforma para comunicados oficiais do Governo ou decisões que competem exclusivamente ao chefe da nação.

Com o passar dos anos, cada rede social desenvolveu características próprias, mesmo que a base da interação sejam vídeos, fotos e mensagens. Como exemplo disso é o próprio Twitter, que sem dúvida alguma é a principal ferramenta para conteúdo em tempo real, com a possibilidade de respostas rápidas, sintetizadas, tornando-se a rede social preferida dos agentes políticos mundo afora.

A evolução é tão grande que, hoje em dia, o candidato a algum cargo político, geralmente utiliza a orientação de uma empresa, com uma equipe especializada para administrar as diversas situações favoráveis e também as desfavoráveis para a imagem política do usuário e candidato.

O Twitter foi um meio importantíssimo em nível de manifestação nas diversas crises políticas enfrentadas por diferentes países. No Brasil não foi diferente, considerando sua utilização por eixos políticos antagônicos, para propagar manifestações em massa.

Desde 2013, com o agravamento da crise econômica e início da crise política, a plataforma se consolidou com o meio mais eficiente para o clamor ideológico dos grupos políticos através de manifestações polêmicas, debates ácidos sob o ponto de

vista do respeito a diversidade de pensamento, tornando-se a rede social com a maior abrangência de conteúdo político da internet.

Tal característica do Twitter parece se afirmar a cada dia, até porque a crise política iniciada em 2013, de fato, ainda não acabou. O Brasil se tornou um país ainda mais dividido politicamente ou teve essa divisão tornada mais nítida justamente pela velocidade na divulgação de mensagens, trazidas pela evolução das mídias sociais, reformulando a forma de se fazer política no mundo e principalmente no Brasil.

4 AS CRISES ECONÔMICAS E POLÍTICAS

A democracia brasileira ainda é jovem, alguns acreditam, inclusive, que diante das crises que enfrenta, ainda vive sua adolescência, com todos os conflitos existenciais inerentes a esta fase de descoberta, com a tomada de responsabilidades, deparando-se com as exigências naturais de reações maduras diante dos conflitos e crises enfrentadas ao longo dos anos.

As constantes interrupções do sistema democrático ao longo da história brasileira, trouxeram como consequências diretas, o atraso quanto ao desenvolvimento do pensamento coletivo participativo da população, não somente nos termos da liberdade quanto a livre manifestação do pensamento, mas, como exemplo, o limite entre o que é um direito individual de se manifestar e a honra do outro.

O advento das redes sociais como meio comunicacional, é, talvez, o maior desafio para as instituições guardiãs da democracia, uma vez que o meio pelo qual o debate das ideias é implementado hoje em dia, oferece uma ampla liberdade e uma rápida propagação do que foi dito.

Nesse sentido, Braga (2018, p. 204), preleciona que:

A Internet tornou possível disponibilizar conteúdo com custo muito reduzido e potencial de alcance que até então era inimaginável. Além de os meios de acesso a conteúdo on-line estarem bem difundidos entre a população (em 2016 o Brasil tinha 168 milhões de smartphones em uso, sem considerar outros terminais que podem se conectar à internet).

Todo esse contexto está diretamente ligado a realidade política e econômica, aliás, os dois temas são a propulsão do enfrentamento ideológico nas mídias de comunicação.

Nos últimos anos, o Brasil enfrentou uma forte crise econômica que desencadeou também uma crise política e as redes sociais estão inseridas nesse contexto de uma forma muito ativa, ficando longe de ser uma coadjuvante na propagação de notícias ou apenas replicando acontecimentos.

Por isso, é importante abordar com mais detalhes as crises dos últimos anos, para uma total compreensão do contexto fático relacionado ao avanço e desafios trazidos pelas redes sociais, inclusive com relação a própria liberdade de expressão.

Um marco recente e importante é a crise econômica mundial em 2008, ano em que a internet ainda caminhava para o avanço de interatividade que é visto hoje, desse modo, a proporção da mobilização nas redes sociais, ante as medidas adotados a época no país, não se comparam a mobilização de hoje em dia, mas é importante a abordagem desta crise uma vez que ela deu início a mudanças no contexto político.

Como forma de combater a crise que se instalava pelo mundo, o Brasil priorizou o mercado e o consumo interno, o que foi bom por um aspecto, porém tornou o custo de produção mais caro.

Outro fator importante a ser citado, é o início do Governo da Presidente Dilma Rousseff em 2010 que, na prática, repetiu as mesmas políticas do governo Lula com juros subsidiados, com exonerações e isenções fiscais.

Na crise, todo Chefe de Estado tem sua popularidade afetada de alguma forma e, geralmente vira o símbolo daquele momento enfrentado no país, fazendo com que a equipe que o auxilia, normalmente proponha mudanças na comunicação, tentando evidenciar as medidas tomadas ou a forma com que está sendo encarada a crise.

No Brasil não foi diferente. Os protestos de junho de 2013 levaram muitos brasileiros às ruas, com reivindicações em várias áreas e críticas sobre o desempenho de todo o campo político do país.

Já no início do segundo mandato da Presidente Dilma Rousseff, reeleita, apesar da reconhecida dificuldade de comunicação, não somente com a população, mas com os agentes políticos que envolvem a governabilidade de um país de grande dimensão como Brasil, buscaram novas formas de propagarem as medidas

do governo, com mudanças no seguro-desemprego e no Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), como exemplo.

Até março de 2015, a Presidente da nação ainda não havia se pronunciado acerca do pessimismo econômico que tomava o país e era tema constante nos debates entre os jornalistas especializados da chamada mídia tradicional. Conseqüentemente, a popularidade da presidente iniciou seu declínio, motivando-a entrar em cadeia nacional de rádio e TV, no Dia Internacional da Mulher daquele ano.

A insatisfação da maioria não foi interrompida pelo discurso do dia 8 de março e desencadeou uma séria de protestos, destacando-se aquele que ficou conhecido como o “panelaço”, organizado via redes sociais (Whatsapp, Facebook e Twitter) e em diferentes cidades do país.

É provável que foi exatamente nesse contexto que ocorreram as primeiras mobilizações politizadas em grande escala através das redes sociais no Brasil, desencadeando um clima de descontentamento generalizado.

A mobilização social na internet se intensificou, levando a uma gigantesca manifestação, sendo registrado o maior número de brasileiros mobilizados na rua, no dia 15 de março.

Como resposta direta, normalmente o chefe ou a chefe da nação se manifestaria publicamente sobre o acontecimento, porém, a Presidente Dilma nada mencionou sobre o tomar das ruas, sendo o seu silêncio muito criticado pela imprensa.

Desse acontecimento, já é possível observar uma mudança prática no uso das mídias sociais que, até então, faziam parte no contexto político do país de uma forma mais observativa do que participativa. A história, em um futuro próximo, poderá retratar possivelmente este ano e os fatos ocorridos nele, como a virada de chave no contexto das redes sociais no país.

No primeiro dia do mês de maio, na comemoração do Dia do Trabalho, a Presidente Dilma Rousseff, utilizou as redes sociais para o seu pronunciamento oficial, que não foi transmitido em rádio e TV.

Neste contexto, ocorre uma tomada de controle da pauta política pelas redes sociais. Com o país dividido, as interações e discussões na internet cresceram significadamente e, conseqüentemente houve um reflexo direto na rotina da população.

A mídia tradicional começa a noticiar as manifestações das redes sociais. Inicia-se, então, o fluxo constante de discursos inteiramente politizados e divididos no campo político. As redes sociais começam a ocupar um papel mais centralizado na comunicação, servindo, também, como referência para outros nichos e instâncias, como exemplo, o próprio mercado financeiro, por ser o termômetro daquele momento vivido.

Uma das características das novas mídias sociais é, sem dúvida, a intensidade e a repercussão das movimentações e notícias externas do cotidiano político.

Como exemplo, ainda sobre o ano de 2015, em fevereiro, as pesquisas já sinalizavam uma queda acentuada da aprovação da Presidente Dilma em todas as camadas da sociedade.

Esse tipo de matéria foi diversas vezes nas redes sociais, atingindo uma variedade gigantesca de usuários que, não apenas faziam a leitura da respectiva notícia, mas também comentários politizados nas respectivas publicações e, até então, sem nenhuma manifestação da Chefe do Executivo.

É importante ressaltar, que justamente nesse contexto que as famosas e tão utilizadas hoje em dia, “hashtags” tiveram uma ascensão como ferramenta para se evidenciar um determinado assunto ou mesmo, pautá-lo naquele momento. No referido contexto, após o discusso presidencial do dia 8 de março, já circulavam as “*hastags*” contra Dilma no Twitter, como “#foradilma, #dilmavaiada.

Um fato importante a ser abordado é como a equipe de comunicação que, na ocasião cuidavam das redes sociais da Presidente, reagiram com a diversidade de comentários. Ao optar em enviar um discurso dividido em 3 vídeos divulgados nas redes sociais, o governo, em primeiro plano, conseguiu evitar um novo “panelaço”, mas as manifestações nas redes sociais foram intensificadas e, apesar do volume de comentários, os gestores de suas redes sociais mantiveram todos os comentários, sendo aqueles que apoiavam pessoalmente a Presidente e seu governo ou mesmo as pesadas críticas e até mesmo ofensas destiladas nos comentários. Sob o ponto de vista da liberdade de expressão, foi um importante respeito às manifestações de pensamento.

É bem verdade que na história política brasileira, as grandes manifestações de rua sempre foram uma realidade, como exemplo, as campanhas das Diretas já, que mobilizou toda sociedade. Mas, talvez, a grande diferença da tomada das ruas

recentemente em 2015, foi a eloquência de uma pauta e, em muitos casos, sem uma liderança natural como referência, apesar de muitos tentarem se destacar atraindo para si algum feito da referida manifestação ou mesmo tentando se passar por porta-voz do movimento. Porém, o impacto das mídias foi justamente a maior autonomia de pensamento crítico, dado o volume de informações circulantes e as diversas plataformas para tais manifestações.

Evidentemente que o alcance das mídias sociais não ficara resguardadas aos cidadãos comuns, sem cargo eletivo. Os diversos agentes políticos, sendo Deputados, Senadores, Governadores, Ministros e etc, iniciaram suas incursões pelas redes sociais, utilizando-as como plataforma principal para divulgação de posicionamentos políticos próprios ou mesmo confrontar outro agente político.

A evidente dificuldade de interlocução política do poder executivo com os outros poderes e agentes políticos, bem como a crescente insatisfação dos brasileiros com crise econômica instalada, potencializada com o uso das redes sociais, em 2016, no dia 31 de agosto, a Presidente da República foi afastada do cargo para o qual fora eleita em 2014.

Após o afastamento da Presidente, os grupos políticos inevitavelmente, como um movimento natural, observaram a força da internet, mais precisamente das redes sociais, para desconstrução da imagem do adversário político ou mesmo do partido opositor. Essa visão ficou evidenciada em todo o processo de “impeachment” da então Presidente Dilma Rousseff, tanto pela esquerda, centro ou pelo campo da direita política brasileira.

Mas os movimentos e estratégias de mídia não consistiam somente na desconstrução, enquanto uma parte dos polos políticos trabalhavam com esse foco, outros agentes políticos trabalhavam em sentido oposto, na construção de uma imagem de salvador da pátria ou de um “mito”, exercendo um contraponto à velha política que até então, tinha como figura central quem estava no poder naquele momento.

Como linha temporal do crescimento da circulação de notícias falsas na internet, potencializadas pelas redes sociais, o ano de 2015 é uma referência da inclinação mais politizada das mídias sociais e internet como um todo.

Inclusive, sobre o tema, muitos analisam que o campo político de esquerda brasileira, não conseguiu absolver e utilizar o poder da internet ou demorou para

perceber a mudança de perspectiva quanto ao novo meio de comunicação de massa.

A verdade, é que este artigo não pretende lançar luz sobre esta questão em si, muito menos pautar uma questão ideológica. O objetivo central é apenas abordar o efeito avassalador causado pela internet e posteriormente, com ainda mais poder de comunicação, as redes sociais e seu impacto nos discursos políticos e debates.

Após o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, o que aparentemente para muitos seria uma solução para a crise que se instalava no país, logo nos primeiros dias do novo governo do Presidente Michel Temer, o país continuou mobilizado, ocorrendo protestos em massa nos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal, porém, agora, o discurso evidenciado nas mídias era o fora Temer.

Evidentemente que o discurso contra o novo Presidente era encabeçado principalmente pelos defensores políticos da esquerda e do Partido dos Trabalhadores, que acabara de sofrer uma derrota política monumental.

Porém, com o passar dos dias, notou-se um país ainda mais dividido. Naquele momento, a “*hashtag*” #foraTemer dividia notoriedade com a #diretasja e #TemerGolpista.

Um cenário interessante desse momento do país, foi observar que as diversas pautas dos protestos nas redes sociais, foram refletidas nos protestos de rua, com diferentes motivos, as manifestações eram compostas por trabalhadores, estudantes, aposentados, uma diversidade de representatividade sem necessariamente uma convergência em torno do discurso protestativo.

Neste cenário, o discurso nas redes sociais era tomado de muitos sentimentos e posições muito rígidas dos usuários. A divisão entre aqueles que não reconheciam a legalidade do impeachment e aqueles defendiam a saída da então Presidente, fazia surgir um clima de guerra política, com discursos eivados de ódio, com acontecimentos históricos sendo tirados de contexto apenas para fortalecer o discurso de um dos lados.

Assumindo um país dividido e com uma popularidade em baixa, reflexo natural da divisão política da sociedade, o Presidente Michel Temer, percebendo a força das redes sociais, direciona fortemente as estratégias de comunicação de seu governo para as redes sociais, com foco em uma comunicação eficiente, direta e segmentada, através do Facebook e Twitter.

Com abordagens do dia a dia do Planalto, conteúdo econômico, a ideia central era apresentar notícias boas e animadoras, independentemente da realidade prática da população que ainda vivia um clima de confronto, mas a intenção era demonstrar que o Governo progredia e levava o país a recuperação da crise econômica.

Naquele momento, todos os agentes políticos do país faziam suas investidas nas mídias sociais. Rádio e TV não deixaram de ter suas relevâncias, inclusive, até os dias atuais, porém, houve uma percepção daqueles que batalharam a favor do impeachment, de um sucesso nos discursos retóricos. A rápida propagação de ideias e notícias nas redes eram muito celebradas.

Artistas e celebridades, começam a incluir em suas rotinas de postagens, conteúdos políticos, evidenciando, também, que a classe artística estava dividida ideologicamente.

Esse período do país foi extremamente turbulento politicamente. O governo Michel Temer não teve sucesso em sua estratégia inicial de comunicação, uma vez que as notícias boas que vinham do Planalto e eram difundidas nas redes sociais não ganhavam notoriedade. A pauta das redes sociais era absolutamente desconexas com a pauta engessada dos órgãos de comunicação do governo.

Apesar de conseguir impedir duas denúncias da Procuradoria-Geral da República (PGR), através da rejeição na Câmara dos Deputados, sob denúncias de compra de votos através de emendas parlamentares, distribuição de cargos, além da acusação de corrupção passiva, obstrução de Justiça e organização criminosa, e todo o embólio envolvendo o Decreto dos Portos (Decreto 9.048/201), envolvendo possível propina da empresa Rodrimar S/A, a imagem do Presidente sofria um desgaste diário e efetivo nas redes sociais.

A emblemática cena de Rodrigo Rocha Loures (MDB), filmado pela Polícia Federal fugindo por uma rua de São Paulo, com uma mala de R\$ 500,00 mil reais em espécie, invadiu as redes sociais e, em questão de minutos, todas as partes do país já tinham visto as cenas do ex-assessor especial da Presidência da República, fugindo com a tal mala, ficando conhecido como o homem da mala de Michel Temer.

Tal cena é um reflexo da velocidade de propagação de notícias nas redes sociais, uma vez que, através da TV e rádio, o conteúdo em massa levaria um tempo maior para alcançar o mesmo contingente da população.

Não se trata apenas de informar o fato, as mídias sociais conseguem um engajamento jamais visto. Todo usuário passa a ser uma espécie de analista político, com sua opinião exposta para diversos usuários e, em muitos casos, ganhando admiradores e seguidores que concordam com aquele determinado posicionamento, ou até mesmo, sendo acompanhado por usuários com posicionamentos políticos diferentes, criando um debate eivado de muitos sentimentos.

Até o final do Governo Temer, houve um constante embate de retóricas nas redes sociais. De um lado, alguns poucos apoiadores do governo e a própria equipe institucional divulgando os feitos econômicos nas redes sociais, na tentativa de pautar um cenário de melhoria e avanços e, por outro lado, os críticos mobilizados na propagação das acusações de corrupção, inclusive com aqueles áudios, gravados por Joesley Batista, um dos proprietários da JBS, supostamente demonstrando Temer consentindo com pagamento de uma espécie de propina para comprar o silêncio do deputado cassado Eduardo Cunha, condenado a 15 anos de prisão, pelo envolvimento no caso que ficou conhecido como petrolão.

O envolvimento da sociedade brasileira em pautas politizadas, através das redes sociais, cresce a cada dia. Aquele momento de divisão que o país vivia, era potencializado pelo engajamento dos usuários das redes sociais. No Twitter, vários usuários se destacam pelo envolvimento pessoal com os temas políticos.

Com esse caos político instalado no país, as eleições de 2018 foram outro marco histórico quanto a influência política das redes sociais. É evidente que os meios de comunicação tradicionais não deixaram de ter sua influência e peso na decisão do voto através da propaganda política, mas as mídias se tornaram uma grande fonte de informação, fazendo com que os comitês de campanha dos candidatos investissem estrategicamente nas mídias digitais.

O Twitter ganhou uma relevância ainda maior por ser uma rede social que proporciona postagens mais sintetizadas e objetivas. Mas, todas as redes sociais viraram forte atração dos candidatos pelo país à fora, tornando a campanha de 2018 um reflexo do que foram as campanhas de 2016 nos Estados Unidos, influenciando diretamente na eleição de Donald Trump.

Mas, o avanço comunicacional também trouxe grandes desafios para a estrutura democrática no mundo inteiro. Com a facilidade de postagens, com opiniões políticas e ideológicas, surgem as chamadas “fake news” que por si,

alimenta os discursos de ódio contra aqueles que pensam opostamente à aquele interlocutor.

Com a popularização das mídias, a liberdade de expressão e a dignidade da pessoa humana foram colocadas em lados opostos. O que é impensável sob o ponto vista principiológico constitucional.

É sobre esse ponto que, efetivamente, este artigo ousa colocar luz. É sobre um debate político com um engajamento jamais visto na história democrática da nação, com uma participação direta de quase toda população nas pautas apresentadas, porém, com um debate empobrecido pelos discursos de ódio e pelas “fake news”, levando a liberdade de expressão ao centro das atenções pelos pensadores jurídicos do país.

4.1 A LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Com o advento das novas mídias de comunicação e sua popularização, toda a estrutura das relações em comunidade foram diretamente afetadas, criando novos hábitos, novas expressões e novas formas de socialização.

No campo político, como mencionado anteriormente, houve uma intensificação dos agentes políticos quanto ao uso das redes sociais a partir da percepção de sua eficácia quanto a comunicação em massa que, até então, sempre esteve diretamente ligada aos meios tradicionais, como o jornal impresso, o rádio e a televisão.

É importante ressaltar que, com relação a televisão, seu surgimento não necessariamente fez com que os outros meios desaparecessem totalmente, mas sua relevância é incontroversa sobre o ponto de vista da velocidade de propagação dos acontecimentos, se comparada aos meios até então existentes.

De igual modo acontece agora com o surgimento das redes sociais, uma vez que sua popularização não significou a extinção das demais mídias para disseminação de conteúdo, porém, houve uma franca democratização quanto a relevância no cotidiano da sociedade.

As redes sociais conseguem agregar pessoas com pensamentos semelhantes, com os mesmos ideais ou ideologia política, independentemente se aquele conceito é ou não um consenso na sociedade.

Nesse sentido, Braga (2018, p. 204), preleciona que:

A Internet tornou possível disponibilizar conteúdo com custo muito reduzido e potencial de alcance que até então era inimaginável. Além de os meios de acesso a conteúdo on-line estarem bem difundidos entre a população (em 2016 o Brasil tinha 168 milhões de smartphones em uso, sem considerar outros terminais que podem se conectar à internet).

O nível de interatividade é incomparável na história da sociedade. Sem dúvida, a incorporação das redes sociais no dia a dia das pessoas, proporcionou uma aproximação jamais vista ou pelos outros meios de comunicação.

Porém, a proximidade e facilidade para expor um pensamento, também trouxeram grandes desafios para a sociedade, uma vez que surgiram fenômenos causados justamente pelo alto nível de interatividade, como o discurso de ódio, as fake news e os debates com franco atentado aos princípios básicos de convivência entre os próprios usuários que, por alguma diferença de pensamento, se digladiam em discursos dotados de ofensas morais.

Diante de uma sociedade tão diversa, com pensamentos, culturas e realidades diferentes surgem manifestações dotadas incompreensões e desconhecimentos, alcançando milhares de leitores todos os dias, incidindo conseqüentemente em divergências intermináveis.

É impensável, para um país que viveu vinte e um anos sob uma mordaza ditatorial, imaginar um limite para a liberdade de expressão. Foram anos de limitação da manifestação do pensamento.

Jornais, programas no rádio, na televisão enfrentaram o rigor do Estado, tutelando o que poderia ser dito ou não, de igual modo era tratado cidadão comum, o agente político e os artistas.

Agora, em franca liberdade proporcionada pelos tempos de democracia, surge um conflito inimaginável para aqueles anos de ditadura, o possível excesso da liberdade de expressão proporcionado e impulsionado pelas redes sociais.

A liberdade de expressão esta diretamente ligada ao conceito básico de democracia que, por sua vez, está impreterivelmente associada a liberdade das pessoas em seu círculo social. Porém, além disso, ensina que:

A liberdade de expressão tem que se ater à balança invisível entre a pluralidade de pensamento e manifestação de um lado e aos princípios da igualdade e da integridade por outro, que ao mesmo tempo ancoram a democracia e a previnem dos piores riscos. Ao apresentar opiniões e convicções sobre determinado fato ou assunto de repercussão social, todo falante deve estar atento para não fazer tabula rasa desse equilíbrio necessário. Nenhuma justificativa deve ser razoável para se permitir o livre curso de discursos que vão destrutivamente de encontro a outros princípios que englobam o conceito de dignidade da pessoa humana (NASCIMENTO e NEVES, 2017, p. 104).

O fato de não existir contato pessoal e físico, encorajou a muitos usuários a expressarem suas opiniões sem nenhum limite em mente, mesmo que aquela publicação seja dotada de preconceitos, discriminações e intolerâncias, tendo como alvo, em muitos casos, adversários ideológicos ou minorias sociais.

Os excessos se tornaram, infelizmente, rotina nas redes sociais. É comum, em uma simples publicação, ver inúmeros comentários odiosos, a depender de quem postou ou do que foi dito. Os argumentos na maioria dos casos não são o foco do debate, mas a capacidade de ofender com mais crueldade o interlocutor ou de devolver com a mesma intensidade a ofensa deferida.

Evidente que todos são passíveis de críticas, porém, o avanço comunicacional trazido pela disseminação das redes sociais, trouxe o ônus do evidente excesso de direito, quanto a liberdade de se expressar o pensamento, seja ele qual for.

Um importante questionamento é, até onde vai o direito do cidadão de expressar tudo o que pensa?

Do lado ofendido, é importante ressaltar que existiu uma grave ofensa a dignidade da pessoa, que possui, também, o direito de usar esta ferramenta de interação, sem ter sua raça ofendida, sua orientação sexual ironizada, sua fé ridicularizada ou sua ideologia política criminalizada.

Na democracia, todo absolutismo é demasiadamente perigoso, mesmo se tratando de um direito fundamental.

Segundo Rothenburg e Stroppa, (2016, p. 13):

O âmbito de proteção da liberdade de expressão não abarca manifestações voltadas a atingir a dignidade da pessoa humana e à construção de um ambiente de tolerância conforme os objetivos da República Brasileira positivados no Art. 3º da CF/88. Nenhum espaço, seja o das manifestações

artísticas, seja o da ironia, seja o da religião (ou convicção filosófica ou ideológica), seja o da política, é absolutamente protegido de limites e precisa reconhecer restrições necessárias para respeitar outros direitos.

Os direitos fundamentais são, de fato, passíveis de restrições ou limitações quando se chocam com outro determinado direito fundamental, que não pode ser relativizado em detrimento do outro.

De fato, a liberdade de expressão é um dos pilares para uma sociedade democrática, porém, com a revolução trazida pelas novas mídias, observou-se que os excessos de direitos exercidos na internet, mais precisamente o de expressão, causa danos profundos e interrompe processos de evolução sobre determinados temas.

Quando se naturaliza um discurso racista, por exemplo, é como se todo o avanço sobre o tema fosse relativizado e as questões já superadas retornassem ao centro do debate, reabrindo feridas profundas já cicatrizadas. Sem dúvida é um retrocesso muito danoso, assim como censura, resguardando a proporção danosa de cada um.

Sem dúvida, é um gigantesco desafio para as instituições quando se trata de limitar um determinado direito fundamental. É preciso ter um parâmetro muito bem ajustado, uma noção clara da diferença entre o direito de criticar e o discurso de ódio.

Existem alguns parâmetros já estabelecidos na própria constituição brasileira, em seu artigo 5º, XLI, por exemplo, que além de prever punição para discriminação atentatória aos direitos e liberdades fundamentais, também estabelece punição para o racismo.

Além do racismo e da guerra, a Convenção Americana de Direitos Humanos, cita a proibição de toda apologia ao ódio nacional, racial e ou religioso, bem como à violência em si.

Outro importante avanço no combate ao ódio foi a Lei 12.288/2010, conhecida como Estatuto da Igualdade Racial, que estabeleceu medidas a serem adotadas pelo poder público para o enfrentamento da intolerância racial.

Porém, basta um simples acesso a uma rede social, que será possível perceber que ainda é um desafio para o Estado a proliferação do discurso do ódio,

principalmente nas redes sociais que, têm o uso crescente a cada dia e uma interação entre as várias culturas de um mesmo país chamado Brasil.

O Marco Civil da internet de 2014 foi um importante avanço em todos os aspectos, por ser um conjunto de dispositivos legais direcionados objetivamente para regular o uso da internet. Porém, para alguns agentes políticos ele já estaria obsoleto, não sendo tão eficaz para o atual momento de crescimento veloz do discurso do ódio nas redes.

Uma das principais críticas é referente a velocidade em que uma notícia falsa ou extremamente ofensiva permanece nas plataformas até que o provedor faça a retirada de tal postagem.

A referida Lei 12.965 de 2014, popularmente conhecida como Marco Civil da Internet, como já foi mencionada, prevê em seu artigo 19, caput, a responsabilização civil da ofensa gerada através de terceiros, somente se, após ordem Judicial direta, o provedor não tornar indisponível a postagem com conteúdo ofensivo.

Neste ponto, observa-se que a liberdade de expressão foi utilizada para atacar diretamente a honra de um terceiro e o tempo em que a ofensa permanece publicada está diretamente ligada, de fato, ao alcance daquele mal injusto a honra de outrem.

Neste ponto, existe uma linha política que defende que o provedor faça a retirada imediata daquele conteúdo que de forma incontroversa é considerado um discurso de ódio, com ataque as minorias ou mesmo, conteúdo político deliberadamente falso, independentemente de judicialização prévia do caso.

O fato é que, diante do quadro citado, nos últimos anos se consolidou a necessidade de se diferenciar de forma prática, a propagação do discurso do ódio, com aquele pensamento crítico e minoritário que não teve como objetivo atacar a honra de terceiros, mas sim, exercer o direito de se contrapor a uma ideia, mesmo sendo esta uma ideia majoritária.

Sobre tais parâmetros, pontuam Rothenburg e Stroppa (2016, p.8):

Relevante salientar que o estabelecimento de parâmetros para que haja restrições deve estar muito bem justificado, haja vista uma evidência histórica: as limitações à liberdade de expressão revelam-se muito mais nocivas para a humanidade do que aptas à criação de uma sociedade mais justa e solidária.

Cresce rapidamente o uso das redes sociais para debates políticos, seja pelos acontecimentos em pauta na atualidade, ou mesmo retomando acontecimentos políticos passados, porém, fundamentados pelo ódio, comentários discriminatórios, ofensivos e constrangedores.

A grande dificuldade está, justamente, em criar tais parâmetros sem relativizar a importância da liberdade do cidadão em expor seu pensamento crítico.

O Twitter, por exemplo, tem sido uma das principais plataformas de engajamento político e ideológico nos últimos anos. Na rede social, é possível observar que existe uma linha muito tênue entre a crítica aceitável e o discurso odioso contra grupos ou pessoas que estão, de certa forma, no contraponto daquele discurso.

Os meios hábeis para tal diferenciação ainda são temas de muitos debates ainda hoje, uma vez que, com o acirramento político e a crise econômica dos últimos anos, provocaram um engajamento ainda maior, com o uso das chamadas “fakes news” que nada mais são do que a propagação em massa de uma notícia falsa com potencial político e até mesmo econômico.

Tal engajamento é notório em todas as mídias, mas o Twitter se destaca pela sua dinamicidade casada com a objetividade, limitando os antigos textos de vários parágrafos a uma síntese da ideia que se deseja expor.

É verdade que tais qualidades trouxeram muito benefícios para os usuários, mas trouxe ao mesmo tempo, um enorme desafio a sociedade atual.

5 O EMPOBRECIMENTO DO DEBATE POLÍTICO

Com todo o avanço outrora mencionado pelo advento da revolução causada pela internet e, posteriormente, pelas novas mídias de comunicação, mais precisamente as redes sociais, o contexto político atual reflete bem o dia a dia dos usuários e como reagem as comunidades que compõem todo esse universo das redes.

Existe um acirramento de ânimos evidente e o debate político foi tomado por uma polarização que se consolida a cada dia. Sobre a polarização, Campos (2020, p. 25), abordou de forma esclarecedora:

O fenômeno da polarização não deve ser confundido com o simples debate de posições contrárias, mesmo veemente. Na polarização não há debate, ou este deriva para a desconexão e para a violência simbólica – que pode, conforme as circunstâncias, chegar à violência física. Uma característica da polarização se evidencia na própria escolha da palavra para referir o fenômeno. Diante de uma urgência, de um problema a ser enfrentado em que há divergência de perspectivas entre participantes – seja para caracterizar o que é a questão, para definir os objetivos do enfrentamento ou ainda para elaborar as estratégias –, as posições se organizam em modo binário.

O debate precisa ter um objetivo pautado na coletividade, um olhar para a construção de um país menos desigual, que oportuniza os seus cidadãos a evolução econômica e cultural. Porém, como foi anteriormente mencionado, não se pode confundir polarização com posições contrárias e construtivas.

Nas redes sociais, com o frequente uso pelos atores políticos para manifestações de suas posições ideológicas ou mesmo políticas, contribuiu para o crescimento do engajamento nas plataformas e, conseqüentemente, atraindo admiradores e críticos extremos para o centro do debate.

Com o crescimento da interação, e da diversidade nas redes sociais, os debates políticos, em sua maioria, perderam o foco na coletividade com discussões dos problemas com uma ótica solucionista e cedeu o lugar para agressões intermináveis, com forte cunho pessoal dos interlocutores divididos em questões principiológicas rasas, pautadas em uma visão limitada do direito de escolha e visão do mundo plural.

Com uma intenção clara de cada usuário nas redes sociais de demonstrar superioridade em suas ideologias, crenças ou opiniões, recorreu-se à desinformação como arma para arrebanhar apoiadores para aquela opinião específica.

Dentro desse processo, Campos (2020, p. 31) menciona o advento das “fake news:

Por isso mesmo, o quadro atual é estimulador de fake news e de verdades ad-hoc como instrumento de ação e de ocupação de espaços de poder. Dado que o outro é o adversário a abater, todos os meios parecem adequados. Fake news não correspondem à simples midiatização de boatos, de imprecisões factuais e de mentiras. São processos orquestrados em função de estruturas polarizadoras. O objetivo é duplo: atribuir ao adversário uma imagem abaixo da dignidade humana e, no mesmo passo,

com base nessa distinção radical, fazer pretendidos aliados esquecerem as diferenças (assumidas como menores) que poderiam entreter com o polo disseminador de fake news.

O termo “*fake news*” se popularizou recentemente, porém o seu significado na prática faz parte da história da sociedade em todos os períodos.

Notícias falsas, com divulgação em massa é uma estratégia para se construir ou destruir a imagem de alguém, de um partido ou ideologia, de uma forma muito veloz, porém, o referido termo começou a ser utilizado pela imprensa internacional com maior frequência durante as eleições de 2016 nos Estados Unidos, que culminou na vitória de Donald Trump.

Algumas empresas americanas na época localizaram uma série de sites relacionados à “*fake news*”, com conteúdos sensacionalistas e pautados em polêmicas dos dois candidatos, com foco em suas vidas particulares.

A conceituação feita por Braga (2018, p. 205) é muito esclarecedora:

A divulgação de notícias falsas ou mentirosas é fenômeno conhecido internacionalmente como “*fake news*” e pode ser conceituado como a disseminação, por qualquer meio de comunicação, de notícias sabidamente falsas com o intuito de atrair a atenção para desinformar ou obter vantagem política ou econômica. Trata-se de fenômeno consolidado e que se verifica em todo o planeta. Alguns estudos chegam a atribuir a vitória de Donald Trump, eleito à presidência dos Estados Unidos da América em 2016, ao uso de notícias falsas.

No Brasil, as “*fake news*” ganharam uma profundidade ainda maior. Como exemplo, nas redes sociais, com muita facilidade, surge uma notícia falsa sobre determinada acusação contra uma pessoa que, em consequência da rápida propagação, é agredida, amarrada em via pública e espancada pela comunidade. Posteriormente, descobre-se que na verdade o criminoso seria outra pessoa. Sim, isso já aconteceu.

Tal fato é um exemplo do quão perigosa por de tornar a propagação de falsas notícias, porém, é no campo político, ideológico, religioso e cultural que surgem as mais propagadas “*fake news*”, disseminando desinformação e tendo como alvos principais, aqueles usuários com um grau informativo menor.

A consequência inevitável foi o empobrecimento do debate político, que teve seu ápice nas eleições de 2018, com notícias falsas divulgadas por todas as esferas políticas do país.

A estratégia utilizada inicialmente foi o uso de perfis falsos, iniciando uma interação com usuários reais para dar veracidade naquilo que está sendo dito. Posteriormente, iniciou-se a propagação em massa de conteúdos, textos e vídeos com legendas incentivando os seguidores daquele perfil a divulgarem tais publicações.

Hoje, as “fake news” são responsáveis por altos investimentos de apoiadores anônimos que visam a garantia do sigilo, com o propósito de não serem rastreados, inclusive, sendo comum a utilização de CPFs de terceiros para que os cartões de crédito possam ser cadastrados e utilizados na tentativa de burlar o rastreamento da origem daquelas falsas notícias.

Outra estratégia utilizada é a divulgação de notícias falsas em meio a divulgação de notícias verdadeiras, buscando legitimar as “fakes news” e revestir de veracidade o conteúdo plenamente inverídico.

Verifica-se que a consequência da propagação de notícias falsas é o empobrecimento do debate de ideias que, conseqüentemente induz o eleitor ao erro de diagnóstico daquele momento específico ou de determinado acontecimento que envolve o rumo do país.

O engajamento dos usuários em temas sensíveis e importantes nacionalmente é crescente. Com essa noção, as redes sociais são tomadas por discussões de cunho superficial e de forma proposital, uma vez que, aquele candidato compreendendo suas vulnerabilidades políticas, age para que o tema delicado não tome o centro do debate, dessa forma, é mais efetivo, sob o ponto de vista do marketing político, criar uma pauta de debate superficial paralela, e, dessa forma, impedir que aquele determinado tema com potencial de enorme prejuízo político, ganhe o centro das atenções nas redes sociais.

O empobrecimento das discussões está justamente nesta manipulação orquestrada. Como mencionado no início deste artigo, se antes, as redes sociais refletiam a pauta externa do mundo físico, agora, as novas mídias, através de seus usuários, é que lançam suas pautas, provocando uma enorme mobilização e conseqüentemente levando os demais meios de comunicação a replicarem as discussões estabelecidas nas redes sociais.

O fato, é que a campanha de 2018 levou o eleitor a redobrar atenção contra a disseminação de informações falsas. E sobre este período é possível citar alguns exemplos de notícias falsas que tomaram as mídias e dispersaram os usuários e eleitores dos temas realmente relevantes para o país.

Como exemplo citamos o suposto vídeo íntimo de João Doria divulgado amplamente nas redes, a urna que supostamente sugeria Haddad após eleitor digitar "1", as notícias sobre o tal Kit Gay, inclusive respaldadas pelo então candidato Jair Bolsonaro, a montagem fotográfica com Adelio de Oliveira em ato pró-Lula, a notícia que Geraldo Azevedo havia sido torturado por Mourão, a montagem fotográfica com Manuela D'Ávila vestida com uma camiseta com frase "Jesus é Travesti", todos esses exemplos foram amplamente divulgados e permaneceram por vários dias, semanas e meses em circulação fomentados pelos diferentes grupos políticos.

A percepção dos reais anseios do Brasil, neste período, foi ofuscado por um debate empobrecido, raso e setorizado, levando os muitos usuários a uma guerra de retóricas intermináveis e sem nenhuma objetividade, patriotismo ou senso democrático.

6 O DISCURSO DE ÓDIO NO TWITTER

Após o furacão de ódio propagado nas redes sociais, principalmente durante as eleições de 2016 nos Estados Unidos e de 2018 no Brasil, o Twitter anunciou em 2019 que teria uma atividade mais proativa no combate contra o discurso de ódio e o assédio em sua plataforma.

A empresa anunciou o uso de tecnologia para localizar as mensagens com conteúdo puramente odioso, preconceituoso e ameaçativo e retirá-las de forma mais efetiva, independentemente de algum usuário ter denunciar aquela determinada publicação. Além disso, anunciou o Twitter que combateria os perfis de usuários suspensos de suas atividades na plataforma.

Para se ter clareza da extrema necessidade da plataforma investir em tecnologia para combater o ódio, em 2019 as notícias davam conta de que a cada oito segundos uma postagem em português é publicada no Twitter contendo palavras de ódio, tendo como alvos principais os negros, judeus, nordestinos, pessoas com deficiência e a comunidade LGBTI+.

É possível perceber que nos últimos anos o Twitter passou a ser a principal ferramenta de comunicação de políticos, grupos neonazistas, teóricos da conspiração, concentrando vetores suficientes para perseguições, “bullying” e linchamentos virtuais.

A plataforma se tornou facilmente arma de pessoas e grupos de interesse. Conseqüentemente, tal engajamento, como já foi anteriormente citado, gera ataques coordenados por pautas ideológicas, políticas, entre outras, com uso de “*hashtags*” absurdas que alcançam os “*trending topics*”, que é uma espécie de seleção dos termos ou tópicos mais falados no Twitter naquele momento, inclusive, para tal feito são utilizados robôs para alcançar o maior número de visualizações possíveis.

Alguns usuários, que não estão inseridos neste vetor do ódio contido na plataforma, já relataram publicamente do quão desgastante é o dia a dia no Twitter, referindo-se diretamente aos ataques comuns que circulam na rede social.

Um exemplo deste desgaste permanente, para quem utiliza a plataforma, é o Padre Fábio de Melo, um usuário recorrente das redes sociais que anunciou sua saída do Twitter no dia nove de agosto de 2019, alegando a necessidade de cuidar de sua saúde emocional (CATRACA LIVRE, 2020).

O religioso e personalidade das novas mídias foi duramente atacado depois de criticar a saída temporária de Dia de Alexandre Nardoni, condenado pelo assassinato de sua filha.

Com relatos de depressão e síndrome do pânico, o padre declarou, “o Twitter deixou de ser saudável para ele”. Declaração que foi muito divulgada nas redes sociais e naquele momento, inclusive, levou a uma discussão sobre o impacto das mídias na saúde emocional de seus usuários e principalmente o Twitter.

Sobre este discurso odioso popularizado nas redes sociais, Braga (2018, p. 214) afirmou que:

Discurso de ódio seria aquele que apresenta como característica a estigmatização de um indivíduo ou grupo identificável de indivíduos. A estigmatização seria, ainda, direcionada ao insulto, à perseguição ou à privação de direitos. Essa é uma característica recorrente das notícias falsas, que se utilizam de um clima de polarização política ou afetiva e ganham notoriedade como prova ou confirmação da validade desses estigmas.

Facilmente se percebe que o discurso de ódio está diretamente ligado a propagação de notícias falsas porque tais notícias possuem o objetivo central de criar uma percepção paralela de todos os temas, levando os interlocutores a uma superficialidade perceptiva bem distante da realidade de fato.

Existe uma frase com origem e autor desconhecido, que descreve muito bem o que está sendo abordado, “se você não está pagando, então você é o produto”. Ela pode ser discutida, porém, oportuniza uma reflexão importante sobre a visão e pensamento das empresas sobre os usuários que se cadastram gratuitamente nestas plataformas e até onde vai o real interesse empresarial de limitarem os excessos, os ataques odiosos e democráticos que acontecem nas referidas plataformas?

Recentemente, na tentativa de conter a disseminação dos discursos de ódio, notícias falsas e violência, as políticas do Twitter foram modificadas para tentar proibir a propagação de links que direcionem para esses tipos de conteúdo (BLASIH, 2020).

Apesar de já existirem regras parecidas em vigor para as publicações, as normas não se aplicavam ao conteúdo que era vinculado às mensagens, dessa forma, mesmo que a publicação não tivesse um conteúdo agressivo ou falso, o link publicado direcionava o usuário às páginas que concentravam todo tipo de ódio e notícias inverídicas.

Com todos esses conflitos, o Twitter foi perdendo a imagem de uma plataforma divertida, ágil e aproximativa, para se transformar em uma mídia que vive sobre contestações de todos os lados, tanto pelos usuários que criticam o ambiente conflituoso, com uma carga pesada de negatividade em consequência dos discursos de ódio e, também, por algumas instituições de Estado que já levantaram o debate sobre a efetividade das políticas de uso das redes sociais, uma vez que não conseguem estabelecer um parâmetro de limite e adequação do uso das plataformas.

Em um pensamento objetivista, é conclusivo que as redes sociais, de fato, dependem de seus usuários sob o aspecto de criação de conteúdo. As plataformas não produzem publicações interativas, na verdade as formas comunicações e os debates são as principais vertentes de entretenimento.

Sobre essa ótica. é evidente que o conteúdo extremista repercutirá mais e de certa forma produzirá uma maior visibilidade para aquela determinada plataforma,

com isso, cria-se um ciclo vicioso tornando a referida plataforma em um ambiente radioativo, com elevado potencial agressivo (FARAH, 2020).

Tal ambiente danoso ganhou ainda mais força desde as eleições de 2018. Inclusive, Campos (2020, p. 297) mencionou que:

Segundo pesquisa produzida pela Gênero e Número e divulgada por da Silva (2019), no Brasil, 51% dos LGBTQI+ dizem ter sofrido alguma forma de agressão desde as eleições presidenciais de 2018, sendo a violência verbal a mais presente (94%) – “Bolsonaro vem aí!” e “Viado não vai poder ficar andando na rua assim, não” –, seguida de tratamento discriminatório (56%), assédio moral (54%) e da violência física (13%)

A realidade é que tais agressões são presenciadas todos os dias por vários usuários, porém, a compreensão da gravidade do que está sendo propagado, as vezes fica restrita àqueles que sofrem os ataques ou são intimidados quando se manifestam de forma contrária as publicações de ódio e das falsas informações.

7 COMO SE MANIFESTA O DEBATE POLÍTICO ATRAVÉS DO TWITTER

Anteriormente foi mencionado que o Twitter se tornou uma ferramenta muito importante no que se refere ao debate político no Brasil. Foi mencionado, também, acerca dos ataques corriqueiros que acontecem na plataforma, tendo como alvos as minorias gays, negros, indígenas e qualquer grupo ou pessoa que se manifesta contrariamente àquela vertente majoritária que possui uma espécie de hegemonia do discurso político.

Sem dúvida, entre os principais fatores pela atribuição do perfil mais politizado do Twitter, foi a intensificação do uso da rede pelos políticos, pelos órgãos de governo e todas as vertentes do poder utilizando a plataforma, seja para comunicados oficiais ou mesmo para emitir declarações de interesse nacional.

É como se o Twitter se tornasse uma espécie de plataforma governamental informal do Estado, com um alcance rápido e direto aos usuários/eleitores que utilizam a rede social diariamente e consomem o volume de informação ali disponibilizado vinte e quatro horas por dia.

Sobre o engajamento mencionado anteriormente, Rosseto (2018, p. 102) mencionou que: “O uso crescente do Twitter por políticos, jornalistas, estrategistas políticos e cidadãos o tornou parte importante de uma esfera em rede na qual questões políticas são negociadas publicamente.”

Com a intensificação do uso da ferramenta durante a campanha eleitoral de 2018, trouxeram novos atores para o campo da política. Influenciadores que, antes, pouco mencionavam sobre temas políticos em seus perfis, começaram a publicar manifestações dotadas de conteúdo político, com manifestações pró e contra as ações do governo.

Sem dúvida que, sobre o ponto de vista de participação e interação, o Twitter se tornou ferramenta revolucionária e no campo político, promoveu uma aproximação dos eleitores com os diversos atores políticos.

O interesse pelos temas da política é crescente e a participação do usuário comum com a pauta é intensa, criando-se uma reação para cada acontecimento ou tema daquele dia, semana ou mês.

Uma diferenciação do Twitter em relação as outras mídias sociais é justamente a velocidade e volume de informações. Utilizando o linguajar dos usuários, tudo acontece primeiro no Twitter, ele abastece as outras mídias das informações, vídeos e imagens que são postadas na plataforma.

Sobre essa peculiaridade do Twitter, Rosseto, (2018, p.104), mencionou que:

a plataforma se mostra potencialmente como um local de ressonância de temas e discussões políticas que são divulgadas pelos mais diversos meios de comunicação. Parece ser nos media sociais que as questões políticas repercutem e ganham diferentes desdobramentos; o que se acredita ter efeito na opinião dos indivíduos a respeito dos temas em discussão

Para intensificar a interação, o Twitter possui três ferramentas que são constantemente utilizadas para a interação que são o “*retweet*” que permite replicar uma determinada mensagem aos demais usuários, o “*reply*” utilizado para responder a um “*tweet*” e o “*mention*” que é utilizado para mencionar outro usuário em uma postagem.

É fato que existe uma pluralidade de usuários na plataforma e com diferentes motivações que pode ser pelo simples desejo de se tornar mais conhecido, outros a

utilizam para influenciar e outros usam o Twitter como fonte de informação para alicerçar sua própria opinião.

Como mencionado anteriormente, um marco importante do uso político do Twitter no mundo, ocorreu na campanha de Barack Obama em 2008.

No Brasil, o então candidato Jair Bolsonaro é, sem dúvida, o mais influente nas redes sociais, tendo sido entre os presidenciáveis, o maior candidato em número de seguidores e com maior engajamento.

Com o uso das três ferramentas principais do Twitter, Bolsonaro teve suas ideias e posicionamentos amplamente divulgados, difundindo para as demais redes sociais e posteriormente sendo noticiados nos demais veículos de comunicação.

Outro marco importante ocorrido nas eleições brasileiras de 2018, foi a utilização de “*fake news*” como estratégia eleitoral pelos seguidores engajados, tornando o debate no Twitter uma espécie de redoma de mentiras e argumentos contra as notícias, na tentativa de combatê-las. Porém, a propagação da desinformação, infelizmente, se deu de forma muito mais ampla do que os “*posts*” utilizados para informação acerca dos temas alvos das “*fakes news*”.

Após o período eleitoral, as instituições de Estado começaram a sofrer ataques de grupos radicais políticos, de forma a criar a ideia de ilegitimidade do congresso e/ou do Supremo Tribunal Federal.

Esta foi uma pauta amplamente utilizada pelos eleitores do Presidente Jair Bolsonaro no Twitter, com postagens frequentes, com conteúdos agressivos, inclusive contra os membros das instituições alvo das insatisfações daquele momento.

Neste ano, houve uma intensificação dos ataques as instituições e com isso, o Ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, determinou o bloqueio das redes sociais de aliados do Presidente.

Na ocasião, o Twitter afirmou que “agiu estritamente em cumprimento de uma ordem legal proveniente de inquérito do Supremo Tribunal Federal”.

Em resposta, um dos alvos da Decisão Judicial, o blogueiro Allan dos Santos afirmou que “acabou a liberdade de expressão e da imprensa”. Outro a se manifestar foi o empresário Luciano Hang afirmando “que recebeu com surpresa a decisão e que jamais atentou contra o STF”. Outra a se manifestar através de sua defesa, foi a blogueira e ativista Sara Winter que “considerou a decisão como

censura e disse que vai denunciar o caso a organismos internacionais de direitos humanos por ofensa à liberdade de expressão, direitos e garantias fundamentais”.

Sem dúvida, a ascensão do Twitter é uma evolução no que se refere ao envolvimento dos cidadãos com os temas políticos, mas é um enorme desafio para a sociedade, uma vez que em meio a propagação da desinformação, torna-se necessária a criação de um filtro perceptivo para tudo aquilo que se lê nas redes sociais e especificamente no Twitter.

Sobre esse momento da sociedade, Rosseto (2018, p.74) afirmou:

Neste momento, quando a confiança na mídia é mais necessária, a confiança nela é reduzida significativamente. Pois estamos em um período de fragilidade institucional. As campanhas de desinformação são a base para a era da pós-verdade e seu propósito é semear dúvida

Assim, com o advento da desinformação de forma coordenada no Twitter por diferentes nichos políticos, o debate político se manifesta através de retóricas intermináveis e subjetivas de temas circulantes da campanha de desinformação em massa.

O debate político no Twitter constantemente fica envolto a uma cortina de fumaça proveniente do confronto dos diferentes grupos políticos que travam uma guerra para estabelecer uma pauta na rede social, com a intenção de dar a sensação de que aquela ideologia, opinião ou ator político é o centro das atenções, seja de forma pejorativa ou com a intenção de promover ou criar uma imagem benéfica.

O empobrecimento do debate provocado pela desinformação é o principal fator para que o debate político no Twitter tenha se tornado esta constante guerra de retóricas que ocupam hoje o maior número de postagens na rede social.

A sua importância é inquestionável sob o ponto de vista de propagação de ideias, mas o Twitter tem um grande desafio pela frente quanto a guerra contra as “*fakes news*” que não será mais possível retardar.

A empresa tem anunciado medidas para conter a onda desinformativa, porém a pressão dos países sobre a plataforma tem exigido uma atuação ainda maior no combate a disseminação de “*fake news*” e do discurso de ódio.

Mas hoje é fato que, o maior instrumento para a propagação do ódio, da desinformação e o empobrecimento do debate político é a crescente relevância do Twitter na rotina da sociedade, sendo fonte de informação, para autopromoção ou estratégia política e a realidade do debate político tem se resumido a criação de retóricas que em muitos casos, são pensadas para desviar o foco do assunto principal, levando os usuários e eleitores que utilizavam a plataforma a um exercício constante e imprescindível de questionamento de todo e qualquer *post* publicado no Twitter.

8 CONCLUSÃO

Desde o surgimento da Web, posteriormente com o advento das redes sociais e sua popularização, a forma de se comunicar no mundo tem sofrido constantes processos evolutivos em certos aspectos, por exemplo, no que se refere ao volume e a velocidade da propagação de notícias, porém, toda esta evolução também trouxe muitos desafios para a vida em sociedade.

A interação é importante para aproximação das pessoas, porém, as diferenças culturais, ideológicas, religiosas, até mesmo científicas têm sido o principal fator para o fenômeno de enfrentamento nas redes sociais.

Porém, com o agravamento da crise econômica e política no Brasil e em outros países mundo a fora, gerou uma intensificação sobre o tema nas redes sociais. Com um volume gigantesco de informações, as redes sociais alimentam os seguidores com esse volume informativo, porém, os nichos políticos, por sua vez, se encarregam, cada um conforme sua visão, de disseminar nas plataformas suas próprias verdades ou desinformação propriamente dita, relativizando os fatos ou ocultando parte da verdade. O confronto desses diferentes núcleos ideológicos é extremamente agressivo, pautando-se em ofensas, “*fakes news*” e desconstrução da imagem do adversário político.

Tais acontecimentos ameaçam a democracia sob o aspecto da gravidade das notícias falsas. A principal plataforma que reuni os mais diversos grupos políticos é o Twitter e justamente nesta rede social que se manifestam os mais agressivos embates e o maior volume de informações, exigindo de seus usuários uma postura ativa no questionamento do conteúdo divulgado. O debate político no Twitter, atualmente se manifesta através de notícias falsas e de postagens agressivas. O

excesso da liberdade de expressão é uma realidade no Twitter e o empobrecimento do debate é o grande desafio para a plataforma e o próprio Estado, uma vez que inevitadamente, as novas mídias se tornaram um fator político relevante e o combate ao discurso de ódio e a disseminação de notícias falsas se tornou um interesse do país para a saúde da democracia.

REFERÊNCIAS

- ALMÉRI, Tatiana Martins *et al.* A influência das redes sociais nas organizações. **Revista de Administração do UNIFATEA**, São Paulo, v. 7, n. 7, 2013.
- BAPTISTELA, Tiago; MAGDA CALDERAN CALDAS, Claudete. O discurso de ódio nas redes sociais contra migrantes internacionais: liberdade de expressão ou violação da dignidade da pessoa humana. **Seminário Internacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea**, Santa Cruz do Sul, 2015.
- BLASIH, Bruno Gall de. Twitter vai bloquear links com discurso de ódio e violência. *Tecnoblog*, 29 jul. 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/355470/twitter-vai-bloquear-links-com-discurso-de-odio-e-violencia/>. Acesso em: 20 out. 2020.
- BRAGA, Renê Moraes da Costa. A indústria das fake news e o discurso de ódio. *In*: PEREIRA, Rodolfo Viana (org.). **Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio**. Belo Horizonte: Instituto para o Desenvolvimento Democrático, 2018. p. 203-220. v.1.
- CATRACA LIVRE. Padre Fabio de Melo anuncia saída do Twitter para cuidar da saúde. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/entretenimento/padre-fabio-de-melo-anuncia-saida-do-twitter-para-cuidar-da-saude/>. Acesso em: 20 set. 2020.
- DAQUINO, Fernando. A história das redes sociais: como tudo começou. São Paulo, v. 18, 2012. Disponível em: www.tecmundo.com.br/redes-sociais/33036-a-historia-das-redes-sociais-como-tudo-comecou.htm. Acesso em: 10 set. 2020.
- FARAH, Tatiana. O Twitter tem 1 post de ódio a cada 8 segundos em português. *BuzzFeed News, Brasil*. 19 nov.2019. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/tatianafarah/racismo-na-internet>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- FERNANDES, Joao Carlos Lopes; DE MARTINS SOUZA, Monica Maria. Mídia, Sociedade, Educação e a Democratização dos Meios de Comunicação. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, v. 1, n. 15, p. 92-100, 2015.

LOURES, Graziela de Melo Lacerda. **O impacto das redes sociais nas eleições nas eleições presidenciais de 2014: um olhar dos especialistas.** São Paulo, 2016.

NASCIMENTO, D. A.; NEVES, I. B. de S. **Contradições do discurso político entre a liberdade de expressão e o ódio.** São Paulo. Profanações, 4(1), p. 94-111, 2017.

ROSSETTO, Graça Penha Nascimento. Fazendo política no Twitter: como os efeitos estimados das mensagens influenciam as ações e os usos da plataforma. **Compólitica**, Salvador, v. 8, n. 1, p. 97-122, 2018.

ROTHENBURG, Walter Claudius; STROPPIA, Tatiana. Liberdade de expressão e discurso de ódio: o conflito discursivo nas redes sociais. Anais do Encontro Nacional de Direito e Contemporaneidade, Santa Maria/RS: 2016.

RUEDIGER, Marco Aurélio; GRASSI, Amaro. **Redes sociais nas eleições 2018.** Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2018.